

Folha d'Ovar

FOLHA POLITICA, LITTERARIA E NOTICIOSA

ASSIGNATURA

Assignatura em Ovar, semestre..... 500 réis
Com estampilha..... 600 »
Fóra do reino acresce o porte do correio.
Pagamento adiantado.
Anunciam-se obras litterarias em troca de dois exemplares.

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — LARGO DE S. MIGUEL

DIRECTOR E RESPONSÁVEL

M. GOMES DIAS

PUBLICAÇÕES

Publicações no corpo do jornal, 60 réis cada linha.
Anuncios e communicados, 50 réis; repetições, 25 réis. — Anuncios permanentes, 5 réis.
25 p. c. de abatimento aos srs. assignantes.
Folha avulsa, 20 réis.

Ovar, 19 de julho

Os progressistas nas camaras

Discursou o chefe na camara dos pares.

«Foi elevado e notavel o discurso, diz o correspondente do *Primeiro de Janeiro*, e tanto que até as gazetas regeneradoras o applaudem.»

Mas nós perguntamos em que foi notavel o discurso do sr. José Luciano? Porque o applaudiram os nossos collegas?

O que disse foi «que era preciso augmentar as receitas, e não convinha por emquanto aggreder os governos, mas habilitar-os a resolver a crise financeira.»

O que já tantas vezes se repetiu, e uns estão cansados de dizer, e outros de ouvir nas camaras e no parlamento, o que é já sedição e corriqueiro, ainda lhe serviu de thema para um discurso!

Teria este alguma significação, e não dizemos valor, se pudesse julgar-se um symptoma d'estarem, elle e o seu bando, arrependidos e envergonhados de uma opposição louca, imprudente e funesta em 90, e depois sempre faciosa, ainda que inoffensiva, que de um modo a todos os olhos manifesto só ambiciona as pastas.

O discurso não foi notavel por conter qualquer ideia com alguma novidade proveitosa, ou digna de apreço, mas por não se esperar do sr. José Luciano um acto de bom senso, mórmente um louvor ao governo, e foi d'ahi que veio o espanto, foi isso o que se notou.

Disse mais, que desde 90 não creou difficuldades aos governos — parece que já se lhe permite dizer tudo o que lhe vem á cabeça.

N'uma das reuniões magnas do centro de Lisboa o contradictorio chefe havia lançado contra os actuaes ministros as seguintes phrases, que não são das que dão credito, e habilitam para governar n'um systema, em que a opinião deve seguir e animar os governos: — «Não temos

nenhuma confiança n'esses homens, porque são os mesmos de quem sempre combatemos os actos e os principios. Elles vão para o poder, e nós vamos para a opposição, onde sempre estive-mos.»

Se um chefe de partido é um estadista auctorizado, se as suas declarações influem na politica, nos conceitos do seu paiz, ou ao menos na sua imprensa e nos seus partidarios, essas phrases altamente aggressivas não facilitavam a acção ao ministerio, que louva agora.

Felizmente eram do sr. José Luciano. Ainda não ha muito chamou a conselho de guerra os generaes, que lhe restam.

Mas se ninguem, em tão pouco tempo, fez tanto como este governo, e o proprio chefe, como nos confessou, não faria nem mais nem melhor, se declara — «se alguns dos meus amigos não estão satisfeitos, eu não estou com elles» — para que foi o conselho de guerra? qual o motivo de uma consulta?

Segue-se d'ahi, que falla em seu nome. Dos generaes, que não desertaram, Beirão, Coelho, e Garcia, os dois ultimos aggrederam o governo dias antes do discurso notavel, e no dia immediato o sr. Beirão, o leader da minoria progressista. Está pois só o chefe — e as suas declarações nada significam, nada valem.

Seria para extranhar que as não acompanhasse de uma pedanteria saliente — «Eu no governo não faria mais nem melhor.»

O sr. José Luciano a julgar-se um modelo por onde se aferem os governos!

O presidente d'aquella orgia politica, que todos lamentam!

Ainda hei-de saber se a camara dos pares se rio.
Lourenço d'Almeida e Medeiros

CONFRONTOS

XXVII

Do *Povo de Ovar*, jornal do sr. Fragateiro, n.º 23:

As forcas

Por mais que digam não conseguem tirar ás forcas o cunho

que os limonadas lhes imprimiram no momento de exaltação.

Essa nodoa vergonhosissima ficara sempre vinculada ao grupo, que cheio de sentimentos maus, impregnado do desejo de vingança a arremessou á honra e ao nome d'um concelho.

Nada os salvará. Descuidaram-se uma vez e foram francos; denunciaram as suas intenções, e o povo ao conhecer a gente que, para vencer uma eleição, tinha assaltado o concelho, chorou de vergonha.

E' que a dignidade de todos nós fi ou esfarrapada n'aquelles dous madeiros que nem sequer serviram para preencher o fim para que foram levantados — desacreditar as victimas dos odios dos cabeças.

Que importam as chufas, as risadas contrafeitas dos que tiveram um momento de fraqueza deixando transpirar os baixos sentimentos de que estavam possuidos? Os factos são o que são; nem o sophisma, nem o riso os poderá desfazer.

As forcas são o calvario dos limonadas.

Depois de as levantar repellenas de si, como repellem muitos dos actos que praticaram. Arremessam o odioso d'umas e dos outros aos arruaçeiros e vadios de que se cercaram quando todos sabem que esses desgraçados foram apenas victimas do vinho e do dinheiro que lhes deram.

E' a liquidação das responsabilidades, que os apoquentam agora que passou o enthusiasmo.

Naturalmente os altos triumphos não mandarara tanto; não contaram com as explosões das consciencias dos homens de quem se serviram como instrumentos; e agora os ataques simples a despretenciosos da imprensa perturba-os, incommoda-os. Elles queriam uma victoria e uma vingança dos homens que lhes serviam de estorvo aos seus planos politicos e mais nada. As vinganças pessoais que os limonadas tinham a exercer sobre o povo que os odiava como um pae odeia os filhos espurios, para elles nada valiam, com ellas não contavam.

E' por isso que agora, envolvidos com os ataques invectivavam talvez os limonadas seus instrumentos de levarem mais longe do que deviam as violencias eleitoraes.

Para vencer podiam fazer tudo, mas depois do vencimento não eram convenientes mais crimes. Tinha-se conseguido o fim, não importa á custa de quantos sacrificios, de quanto sangue derramado; portanto, para que forcas? para que mais

espancamentos? para que mais attentados?

Os altos triumphos não contavam com os instinctos malevolos da gentalha, e vêem-se hoje obrigados a vir defender actos que não mandaram praticar: «a canalha incommoda-os». Era esta mesma a expressão que empregavam os grandes senhores ao terminar qualquer campanha feita em seu proveito e, quando satisfeitos os seus fins, mandavam desarmar o povo, sem tal conseguir. A «canalha incommodava» esses senhores como incommoda agora os triumphos, quando ella quer tirar todas as consequencias do procedimento a que a obrigaram.

Portanto as forcas foram uma consequencia dos mandados dos triumphos e do genio e sentimentos da gentalha que hoje tripudia á sombra das auctoridades administrativas.

Do mesmo *jornal do sr. Fragateiro, n.º 17:

Elle era magnifico nas tolices, elle era magnifico na estupidéz, elle era magnifico quando commandava as garotadas, elle era magnifico quando deitava bombas, elle era magnifico nas vinganças, elle era magnifico quando desacreditava as familias que o corriam, elle era magnifico... mas basta.

Não é esta a nota predominante do character pifamente preverso d'este heroe Manchego de moderna data.

Inchado atravessa as ruas, de criado com clavina ás costas; inchado dá ordem aos vadios que o cercam; inchado puxa as guias do alourado buço; inchado manda a canalha arruaçar quem passa; inchado manda irracional e illegalmente soltar presos; inchado pretende ladrar aos calcanhares; inchado... inchado...

Horror! horror! Se vae por esta fórma nem toda a Praça dá logar para elle. Horror! horror! todo o concelho não é bastante para encher aquella furna que de Ribeiradio veio pequena, magrissima, esfomeada.

Horror! horror! O que de nós será se aquella furna se expande progressivamente.

E uma velha ao passar o inchado disse: que Placo! elle é o Placo, é mais do que o Placo!

E' esta a nota predominante do character pifamente preverso do inchado de Ribeiradio.

Por isso elle é o Placo II, o Placo preverso que reúne todas as maldades que uma alma pequena e rum póde conter.

Placo II, ó inclito Placo II de Ribeiradio has-de ser mais

pequeno, mais chato do que o mais infimo garoto que te cerca.

Placo II, ao lançar-te, com uma gargalhada de desprezo, essa nota ridicula, mostrar-te-hei ás multidões que quando te conhecerem te apuparão.

Ismael.

Praticas ou conferencias sobre o—Coração de Jesus—

DUVIDAS AO CONFERENTE

II

Se o peccado annulla a graça, e a confissão a restaura, visto que esta se repete durante toda a vida, e até na hora da morte, nada resta a J. Christo para julgar no juizo final, e o Evangelho diz-nos, que ahi é onde seremos julgados todos — vejo uma contradicção essencial entre o Evangelho e os efeitos attribuidos á confissão pelo conferente.

Demais o sacrificio da missa, que renova o do Golgotha, d'um valor infinito segundo a crença romana, tambem se offerece todos os dias pelos peccados que continuamente se commettem, e que, portanto, ficam expiados. Faça-se ideia. Em cada igreja, e em cada dia, esse sacrificio repete-se algumas vezes, e milhares de vezes em todo o mundo catholico. Não ha peccados bastantes, que correspondam á força expiatoria d'esse acto sagrado, que não precisava de repetir-se porque sendo d'um valor infinito, tanto vale um só como todos quantos se imaginem.

III

Disse Jesus Christo: — «Nem todo o que me disser, senhor, senhor, entrará no reino dos céos.»

«Muitos me dirão n'aquelle dia, senhor, senhor, nós prophetisamos em teu nome, em teu nome expulsamos os demónios, em teu nome operamos muitos milagres.»

«E então lhes direi abertamente: Nunca vos conheci—

GAZETILHA

Sobranceiro, audacioso,
Cheio de rancor profundo,
O pobre do maluquinho
Ameaça o mar e o mundo.

Mas como lá vae o tempo
En que havia papão,
Toda a gente eucolhe os hombros,
Em signal de compaixão.

Pois reconhece com magoa
(E n'isso tem consciencia)
Ser os ultimos lampejos
D'essa enferma intelligencia.

Cifra.

apartai-vos de mim, vós, que
obrais a iniquidade.»

S. Mathews—CAP. VII
v. 21, 22, 23.

Disse mais Jesus Christo:
«Vinde benditos de meu pae, e
possui por herança o reino
dos céos—porque destes de comer
a quem teve fome, e de beber
a quem tinha sede, de vestir
aos nus, e fostes visitar
os enfermos e os encarcerados,
etc.—apartai-vos de mim, mal-
ditos, para o fogo eterno, por-
que não destes de comer a quem
tinha fome, nem de beber a quem
tinha sede, etc., etc.

S. Mathews—CAP. 25,
v. desde 32 a 46.

E não fez excepções para os
que se confessam.

Portanto, só as boas obras é
que salvam. E sendo assim, a
confissão não nos livra da culpa,
nem das penas, como per-
suade o conferente.

IV

Ouçamos S. Paulo, um inter-
prete irrecusavel. Na sua epis-
tola aos hebreos lê-se:

«Se voluntariamente peccar-
mos depois de termos recebido
o conhecimento da verdade, já
não resta mais sacrificio pelos
peccados:

Senão uma horrivel expecta-
ção do juizo, e um ardor de
fogo, que ha-de devorar os pec-
cadores.»

CAP. X—v. 25, 26, 27.

Se depois de conhecida a fé
christã peccarmos voluntaria-
mente, já não ha mais sacrifi-
cio remissor, se nada medeia
entre os crimes e o juizo, e a
expectativa do fogo eterno, na-
da vale ou póde a confissão,
apenas nos valerá a misericor-
dia divina.

Se o sacrificio do Golgotha
não nos vale, como ha-de a
confissão ter um effeito maior?

A confissão, pois, é um acto
preparatorio, restricto ao apos-
tolado, e que só tem effeito á
entrada na fé sobre os peccados
commettidos antes d'ella, e
que não se estende aos poste-
riores.

V

Como veio o conferente des-
crever ao povo a alegria do
peccador coberto de todos os
crimes, ao saber que *uma sim-
ples cousa*, a confissão, o alli-
via de toda a culpa e de todo
o castigo, quando Jesus Christo
o ameaça com as penas eter-
nas?

Folhetim da FOLHA D'OVAR

(3)

O segredo do dr. Antius

POR

EMILE CALVET

TRADUÇÃO DE

AUGUSTO MAXIMO RANGEL

II

O sobrinho d'Antius

Quando finalizou esta narra-
ção pittoresca entravam no jardim os
dous interlocutores e avançavam
para a casa.

De repente a sineta da porta
d'entrada começou a badalar um
carrilhão infernal.

«Quem tocará de um modo
tão selvagem? gritou a velha enco-
lerizada.

Cessou porém o ruido, e uma

E' uma doutrina de conse-
quencias perniciosas, immora-
lissima; o homem rude, igno-
rante, e mesmo o que o não é,
mas sem critica sua, ha-de com-
metter todos os excessos na
persuasão de que lá está a
simples cousa para allivial-o
de toda a responsabilidade, e
entregal-o sem macula ao rei-
no celeste.

VI

Tambem o peccado não an-
nulla toda a graça; pois os que
são iniquos e não se salvam,
podem propheticar, e a prophe-
cia é um dom do Espirito San-
to, e operam maravilhas, o que
suppõe um influxo divino—mas
d'ahi se segue que a fé, mesmo
a que opera milagres, nada nos
vale sem as boas obras.

A caridade é a essencia do
Evangelho.

(Continúa)

L. d'A. e M.

Pelimos licença ao illustre es-
criptor, o exc.^{mo} sr. conselheiro M.
Pinheiro Chagas, para, n'este hu-
milde semanario, darmos publica-
ção ao artigo seguinte, que extra-
himos do seu livro «Vermelhos,
Bancos e Azues»:

Os Missionarios de S. Miguel

Chegou-nos ha pouco tempo dos
Açores uma noticia estranha: Bu-
lhão Pato fôra excommungado por
um d'esses padres que exercem no
risonho archipelago a dictadura do
fanatismo.

O facto seria apenas ridiculo, se
a brutalidade e a ignorancia das
populações, que se deixam domi-
nar pela influencia nociva d'esses
tribunos do catholicismo, lhe não
podessem dar consequencias sérias.
O povo açoriano tomou por costu-
me fazer-se executor das senten-
ças promulgadas pelos reverendos,
e demonstrar a cacete e a murro
secco o ardor da sua fé e a sua
evangelica piedade.

Aonde se foram refugiar os sen-
timentos religiosos? Nos Açores.
Essas ilhas vulcanicas, isoladas no
meio do Oceano, estão fadadas para
serem o asylo da religião militante,
que se julgava extinta para sempre
com a abolição dos hospitalarios
de Malta, e que, no anno de 1868,
refloresceu com renovado vigor não
já n'uma ilha do Mediterraneo, mas
n'um archipelago do Atlantico.

Segundo parece, o catholicismo
sentiu-se agora inflammado por
guerreiros brios. Depois de se ter
proclamado por algum tempo mar-
tyr e victima dos ruins propositos
dos liberaes, arregaça finalmente

aria de caça, cantada a plenos pul-
mões e habilmente, retambou nos
ares.

«E' o senhor Gedeão, sem du-
vida, disse a governante. Es e rap-
paz far-me-ha morrer dez annos
mais cedo, ajuntou, dirigindo-se
para a porta, não sem ruminar al-
guma forte apostrophe á figura do
face o tocador.

Este, porém, appareceu de prom-
pto escarranchado no muro; saltou
para as platibandas com a agilida-
de d'um gato e correu para a ve-
lha que abraçou pelo pescoço.

«Bons dias. Boquet, disse elle.
Que reviravolta se operou no cere-
bro de meu tio? Ha dias põe-me,
muito impoliticamente no olho da
rua, e hoje convida-me para jantar.

E, vendo a dez passos o physico
immoval, foi saudal-o respeitosa-
mente, enquanto que a governante
voltava á cozinha.

«Sois, sem duvida, da festa,
meu caro e excellente mestre, disse
o mancebo. A vossa presença n'estes
sitios não me surprehende, por

as mangas, e dispõe-se a lutar
com as fêras do amphitheatro.

Honra á guerreira phalange!
Honra ao esforçado exercito dos
roupetas, que não teme affrontar
em Roma as blusas vermelhas dos
garibaldinos, e que nos Açores se
dispõe a fazer em frangalhos as
casacas dos impios do continente!

Pio IX em Roma illustra os últi-
mos annos da sua vida, preparan-
do-se para uma gloriosa defeza.
Agora, que o decorrer da idade
o aproxima do céu, do céu rece-
be a inspiração de enviar aos seus
inimigos a benção apostolica em
forma cónica, benções que o vulgo
chama balas, e que as espingardas
Remington despedem com incom-
paravel velocidade.

Pelas ultimas noticias, consta
que houve conselho no céu para
se decidir com qualquer das espi-
ngardas, Chassepot ou Remington,
se devia defender o vigario de
Christo na terra.

Oitava pelas Chassepot, como
tendo já provado bem, o archanjo
S. Miguel, que em tempo foi, co-
mo é geralmente sabido, comman-
dante d'aquella artilheria que ful-
minou Satanaz, e de que Milton
nos dá curiosa relação no seu *Pa-
raizo perdido*. Apesar do voto de
pessoa tão auctorizada, S. Pedro
preferiu as espingardas Remington,
como mais baratas, e assim o com-
municou ao herdeiro do seu solio
pontifical.

Fervet opus em Roma. O suc-
cessor de S. Pedro, mais feliz do
que o beatifico fundador do ponti-
ficado, desembainha a espada, e
d'esta vez é que nem Christo lhe
vale, Malcho Giuseppe Garibaldi
não só fica sem orelhas, mas até
mesmo é natural que não escape
com vida.

E tu, Christo, onde estás? «Em-
bainha a espada, dizias tu a Pedro,
quando a escolta vinha buscar-te
para o martyrio. Talvez ainda hoje
repitas o teu grito sublime; mas é
mais rebelde o successor do apos-
tolo: não te ouve, não te escuta,
e, abraçando o broquel, entra af-
foitamente nas luctas sangrentas
da humanidade!

Oh! quem me dêra vêr-te ainda
uma vez, doce e pallida figura das
minhas visões infantis! Ah! n'este
seculo maldito, em que a poesia se
lesbota e morre, em que o entu-
siasmo desfallece, em que succum-
bem as crenças, ou em que as
crenças se aviltam, em que hori-
zonte te hei de procurar, estrella
radiosa e santa! D'além o scepti-
cismo zombador a rasgar-te a al-
vissima tunica; d'aqui as paixões
villãs a esconderem-se com ella!

Procuo o sanctuario, encontro a
fortaleza.

(Continúa)

M. Pinheiro Chagas.

que sois commensal habitual da
casa. Quanto a mim, direi de boa
vontade, como o doge de Génes a
Luiz XIV: *O que mais me admira,
aqui, é eu cá estar*. Ha quatro
dias, com effeito, em vim apresen-
tar a meu tio uma petição das
mais legitimas. Estava no seu ga-
binete, porta fechada a tres voltas,
particularidade que me fez conce-
ber immediatamente sinistros pre-
sagios. Bati.

«Quem está lá, disse elle.

«Eu.

«Quem sois vós?

Assombro absoluto. Não reco-
nhecera o meu órgão sonoro.

«Estará doido, pensei, e disse:

«Sou Achilles Gedeão Cahusac
em pessoa, seu sobrinho, filho legi-
timo do fallecido Pedro André Ca-
husac e da fallecida Julia Antonia
Antius, sua irmã. Sou além d'isso,
bacharel em letras, vaccinado...

«Vol a mais tarde.

«Meu querido tio, é grave o
negocio e eu não posso esperar.

«Falla, mas sé breve.

SECÇÃO LITTERARIA

COMO QUE IMITAÇÃO

(A' Ex.^{ma} Sr.^a D. C. M.)

Eu, que fico na ausencia, gelado,
sem teus labios d'encantos sem fim,
á luz doce da pallida lua
não te esqueças, meu anjo, de mim!

Que só ella os teus labios reflecte
alta noite a vagar no jardim...
e a minh'alma de esperança inebria,
não te esqueças, meu anjo, de mim!

Eu sonhei-te o meu astro d'esperança,
o meu anjo eternal... Deus enfim,
quando, ledto, a teus pés suspirava:
não te esqueças, meu anjo, de mim!

Mas perdeu-se no espaço o meu astro
da descrença aos recifes já vim...
E hoje, em prantos, minh'alma soluça.
não te esqueças, meu anjo, de mim!

Podesse eu, em meus braços cingida,
longos dias de amor ver emfim
e entre beijos de nobres affectos:
não te esqueças, meu anjo, de mim!

Eu que vira os teus labios risonhos
— os teus labios de roseo-selim,
que, em ternura, te disse em meus sonhos
não te esqueças, meu anjo, de mim!

Posso, acaso, fitando outros labios
ver minh'alma de amor e em festim,
se a minha alma a teus pés depozera?
Não te esqueças, meu anjo, de mim!

Já presinto da Parca os sorrisos
— fructo horrivel de ausencia sem fim...
Não te esqueça o que morre d'amores,
não te esqueças, meu anjo, de mim!

Azemeis — 93.

Olympio Fonseca.

O CEGO

Elle vinha todos os dias assen-
tar-se junto á escada Boisgirard,
em uma cadeira com as costas já
quebradas, que trazia de casa.

Eu via-o chegar todas as ma-
nhãs pela longa rua—uma larga es-
trada provincial—cercada de mu-
ros e arvoredos, e com cerca de
quatrocentos metros de comprida.
Elle percorria rapidamente encos-
tado ás paredes e sondando o ter-
reno com a bengala.

Chegado á escada, parava, como
se visse o lugar, collocava a cadei-
ra e assentava-se.

Não trazia cão nem a taboleta
peculiar aos cegos e mendigos de
profissão.

Esperava a esmola das pessoas
que passavam e principalmente das
que acompanhavam os enterros, de

que a escada Boisgirard era cami-
nho obrigado.

Quando um enterro se approxi-
mava, elle erguia-se e descobria-se.
Era já do habito e como que uma
contribuição voluntaria, mas a que
ninguem se queria esquivar, dar-
lhe uma esmola. E todos lh'a da-
vam.

Os moradores das ruas e pas-
seantes habituaes, todos o conhe-
ciam e lhe fallavam

Elle chamava-os a todos pelos
seus nomes; tinha como capricho
conhecer toda a gente pela voz.

Ao meio dia vinha a mulher,
uma pobre velha, muito acuada e
que passava o resto do dia esfegan-
do casas e fazendo recados, tra-
zer-lhe o jantar. Findo elle, abra-
çavam-se, ella voltava para o seu
serviço e elle continuava no seu
posto até ao escurecer.

«Descobri o enredo. E' verda-
de que eu não tinha sido muito
forte. Não me aproveitando a ficção,
lançei mão da sinceridade.

«O tio não seja barbaro; col-
loquemos a questão no seu verda-
deiro terreno, e diga-me se enten-
de que eu tenho ou não necessida-
de de dinheiro.

«Convenho que tens.

«Pois bem. Visto que o tio
possue os dous bellos titulos de
tutor e banqueiro, terá a crueldade
de me recusar um pequeno adian-
tamento de tres luizes sobre a
mezada proxima? Eu prometto es-
folar o velho...

«Sim, sim; eu conheço o ve-
lho que tu queres esfolar. Não te
darei um liard. De resto já é ser
bom ouvir-te tanto tempo.

«Ora vejamos, continuei com
doçura, como a boa harmonia re-
sulta de concessões reciprocas, par-
tamos a differença. Trinta francos
podem salvar-me do abysmo.

(Continúa)

Eu passava por ali duas vezes por dia, quando ia fazer a visita medica ao hospital e quando regressava. Dava-lhe esmola, conhecia-o; trocavamos sempre algumas palavras.

Um dia, um dia de verão, em que eu aproveitei a paragem perto d'elle para tomar ar, contou-me a sua historia.

Era serralleiro. Trinta annos trabalhou pelo officio e vivia bem. Como tinha bom salario e não havia filhos, a mulher só se occupava dos arranjos domesticos. Eram felizes.

Uma manhã sentiu a vista fraca. O mal foi aggravando e dois annos depois estava cego de todo.

—Veio então a miseria, dizia elle, e, como não tinhamos fortuna, foi preciso eu vir aqui pedir esmola, enquanto minha pobre mulher trabalha pelas casas alheias. E' o que mais me custa: ella, a minha pobre Maria, que não estava acostumada a trabalhos pesados!...

Durante a conversa observei-lhe os olhos, parecendo-me que o mal não era irremediavel. Interroguei-o:

—Diga-me, cos'uma vér *moscas*?

—Oh! vejo. Viço muitas. E' como um enxame que anda sempre, dia e noite, em volta de mim.

—E nunca consultou medico?

—Ao principio consulte; mas ha quatro annos que não.

—Sabe o que tem?

—A cegueira.

—Não. Tem uma catarata.

—Uma catarata?!

—Sim. E se tem confiança em mim, ainda lhe poderei fazer recuperar a vista.

O pobre homem fez-se muito encarnado, voltou-se para mim com um sorriso de inquietação e perguntou-me, receiosos:

—E não haverá perigo?

—De vida, não. E, de mais, nada se arrisca, pois que a sua cegueira é completa.

Calou-se.

—Vamos. Então um antigo serralleiro tem medo?

—Não tenho. Quando quizer estou prompto.

Dois dias depois entraram no meu gabinete, elle e a mulher, com os seus factos domingueiros.

Elle, corajoso, a mulher tremendo. Quando elle se assentou na cadeira das operações e eu peguei nos instrumentos, a pobre velha teve uma syncope.

Examinando-o com o phtalmoscopio, vi que elle tinha uma catarata lenticular, tão madura, que se prestava á extracção linear, a mais facil e rapida de todas.

Quando lhe appliquei o alargador mechanico para desviar as palpebras, o velho gemeu.

—Coragem, que o mais doloroso está feito.

E, pegando nos instrumentos, extrahi a catarata.

A luz ferio-o. O velho deu um grito.

A mulher cahiu-lhe de joelhos aos pés, olhando para elle, mas se não voz para fallar.

—Está prompto. Levante-se.

Elle não se mexeu. Ella conservou-se tambem immovel, com os olhos fitos nos d'elle e procurando alli a luz que ha tantos annos os tinham abandonado.

O velho inclinou a cabeça para traz, como se tivesse recebido uma pancada no peito.

Ficou mudo alguns segundos e com a bocca entreaberta. Depois foi baixando lentamente o rosto enquanto que com as mãos abertas procurava a cabeça da mulher ajoelhada a seus pés, como para a abençoar.

No momento, porém, de lhe tocar os cabellos grisalhos, ergueu as mãos com um gesto de surpresa, o rosto contrahiui-se-lhe, as la-

grimas correram-lhe pelas faces e murmurou com voz sentida:

— Ah! minha querida! Como tu envelheceste!!

Augnes Leroux.

NOTICIARIO

EXPEDIENTE

Prevenimos os srs. assignantes que brevemente vamos proceder á cobrança relativa ao primeiro semestre do nosso jornal, que termina em 10 de agosto proximo.

Notas á pressa

Partiu no domingo para Oliveira de Azemeis o director do nosso jornal.

—Para Lamego partiu segunda feira, o nosso amigo José Maria Fernandes da Graça

—No sabbado chegou a sua casa de Vallega, o ex.^{mo} dr. José Maria de Sá Fernandes e familia.

—A esposa do nosso bom amigo Antonio Costa, deu á luz um robusto rapaz, na sexta feira de tarde.

Os nossos parabens.

—Regressou de Souza o nosso bom amigo e distinctissimo advogado dr. José de Almeida.

—Tem passado melhor a filha do ex.^{mo} sr. Eduardo Ferraz.

Estimamos

Partiu para o Brazil Manoel Oliveira Salvador, filho do sr. Antonio de Oliveira Salvador, acreditado negociante em Espinho.

—Regressou a Aveiro o nosso sympathico amigo José Vidal.

Fallecimento

Finou-se no domingo a esposa do sr. Antonio dos Santos, de S. João. A familia da finada os nossos pezames.

Festividades

Realisou-se no domingo em Vallega, a festa do Senhor.

De manhã houve missa e sermão, e de tarde vespersas, sermão e procissão, que seguiu na melhor ordem.

A concorrência era grande, principalmente de povinho da nossa terra.

O carneiro e verdasco desaparecia com uma rapidez igual á que Mr. Gabayet engolia os sabres, espadas pedras, ovos, etc.

A ordem não foi alterada durante a festa.

Feira

Esteve pouco concorrida a feira que se realisou no dia 12 do corrente no largo do Martyr.

Santo Antonio

A meza d'esta irmandade ficou composta dos seguintes cavalheiros: José da Silva Adrião, Manoel Maria de Oliveira Cunha, José Maria Carvalho dos Santos, Antonio da Cunha Farraia, Antonio de Oliveira Ramos Junior e Manoel Carracho.

Costume antigo

Ha habitos antigos que se não perdem. Quando apparece um *doido* na

villa os *rapazitos* apupam-n'o; e dizemos isto porque ha tempos que os *rapazitos* tomaram á sua conta um pobre e *inoffensivo maluco*, sem ser o da provincia, e não o largam nem á mão de Deus padre.

Escusam de pedir e de ameaçar os taes *rapazitos*, que nada conseguem, porque ainda se o *doido* não desse sorte, mas dando-a, os *rapazitos* incommodam-n'o, apouquentam-n'o e arreliam-n'o, sem se importarem, nem ao menos terem compaixão d'um *pobre d'espirito*.

Para Vizella

Partiu na segunda-feira o sr. Luiz Ferreira Brandão e sua ex.^{ma} esposa.

Exames

Na segunda feira principiaram os exames elementares n'este concelho.

Dos 29 requerentes, desistiram 2, sendo admittidos os restantes á prova oral.

Exposto

Na terça-feira appareceu exposta em Cimo de Villa, uma creança.

Recebemos

Do sr. A. A. da Silva Lobo, de Lisboa, o 5.^o protesto da *Republica Federal Iberica*, que agradecemos.

Noite má

A-sim a encontrou um *vadio* que na segunda feira foi capturado dentro da alquilaria do sr. Clemente, e recolhido nas grades de S. Magestade El-rei que Deus guarde.

Tuna Ovarense

Apesar das noutes boas que tem estado, não tem sahido a Tuna de que é digno regente o Alves, o grande Alves, o nosso Alves, o João Alves.

Syndicancia

Consta-nos que se vae requerer uma syndicancia aos actos do juiz d'esta comarca. Carneiro e Salgado.

Para se avaliar se este *notavel* magistrado a merece, ou não, começaremos no seguinte numero uma analyse das suas sentenças e despachos mais salientes.

E' justo

A proposito do local para os novos Paços do Concelho, diz s. ex.^a no seu jornal, que era melhor escolherem o Furadouro para lá os edificar.

Era na verdade uma medida de grande *alcance* para elle estar perto do Oceano, porque... lá tem as suas razões para isso *desejar*.

«Manual do Carpinteiro»

Da importante casa de Lisboa, Guillard, Aillaud & C.^a, recebemos os fasciculos 8 e 9 d'esta esplendida publicação, que agradecemos.

Aplicação do petroleo á agricultura

O petroleo é um excellente insecticida, que, pelos bons resultados já obtidos em alguns paizes e ainda pelo seu diminuto preço, deve ser empregado na agricultura.

O cheiro que exhala é tão activo, que por si só é sufficiente para afugentar alguns animaes nocivos.

O oleo impuro deve ser preferido, attentos os melhores resultados que d'elle se obteem.

Os agricultores que teem empregado este precioso insecticida obtiveram os seguintes resultados:

1.^o — Regar os morangeiros com algumas gottas de petroleo, misturadas em cada regador de agua; os insectos em pouco tempo são destruidos ou afugentados pelo cheiro d'esta substancia.

2.^o — E' veneno efficaz: para matar os ratos, bastam trinta grammas de petroleo impuro em um litro de agua. A mistura deita-se nos buracos por onde estes animaes costumam sahir. A's vezes basta expôr á evaporação em uma casa uma pequena porção de petroleo para desaparecerem d'ella todos os ratos.

3.^o — Para livrar os animaes domesticos da acção dos insectos parasitas, bastam algumas fricções com agua petrolizada.

Pouco depois da fricção devem os animaes ser bem lavados e ensaboados.

4.^o — Se regarmos uma horta com agua e algum petroleo, este será sufficiente para destruir todos os caracoes e lesmas que n'ella existam.

Novo estabelecimento

O nosso amigo Manoel Soares Fernandes, acaba de abrir a sua loja de fazendas, onde todos encontrarão um completo sortido de todas as qualidades e para todos os preços.

Na nova loja, largo de Santo Antonio, encontrarão as nossas leitoras a boa setineta, o bom zephiro, o lenço de malha, castorinas, chitas, riscados, o superfino chaile; e os nossos leitores, boas casemiras, lenços de bolso, gravatas, collarinhos e punhos e muitos outros artigos que todos poderão ver e comprar.

Não se esqueçam, é o Fernandes, aquelle rapaz que tem a loja nova no largo de Santo Antonio.

Pesca

Tem trabalhado no Furadouro, havendo na terça-feira lauços de 100 e 200 mil réis.

Oxalá que continue assim.

Visita

Seguiu para a Bairrada, de visita a sua familia, o nos o amigo Antonio da Conceição, negociante d'esta praça.

O nosso amigo tenciona demonstrar-se 5 dias por aquellas terras.

Theatro

Mr. Gabayet

Apresentou-se domingo passado á nossa plateia este notavel artista. Mr. Gabayet em todos os seus trabalhos é d'uma perfeição inegualavel e mostra bem que é um bello artista de primeira ordem.

Peza foi que houvesse concorrência tão diminuta, o que nos costou deversas, porque era de espe-

rar que n'essa noite frequentassem o nosso theatro as principaes familias d'esta villa.

Não succederá porém o mesmo no proximo domingo, dia em que Mr. Gabayet, de regresso d'Oliveira d'Azemeis, tenciona dar novo espectaculo, repetindo os trabalhos que apresentou, e executando muitos outros de muitissimo merecimento.

Deixamos aqui este aviso, e atrevemos-nos a garantir ao publico que não é tempo perdido aquelle que dispensarem, vendo os trabalhos de Mr. Gabayet.

Os preços do theatro são os do costume.

CHRONICA

VIAJANDO...

E' este o meu fraco, e n'isto consiste todas as minhas estroinices — fazer quando Nosso Senhor Jesus consente, uma viajata para consolo do chronista humilde e sincero de v. ex.^{aa}, embora por outro lado a carteira sinta o mais triste dos desconsoles — a prompta mingua das já e sempre minggadas notas do Banco. Sem olhar a isso, pedi licença aos superiores, com carinhos emprestados e — mal parece dizer — fementidos, por um dia, abuzando logo, pois accrescentei áquelle mais dois para complemento da conta que Nosso Senhor Jesus fez — trez!

Tres dias, pois, viajando e gozando! Tres dias, tambem, e a carteira gemendo, sempre gemendo...

Póde prevalecer o «bem», mas para isso é necessario soffrer.

Eu conheço bem — e com isto não me envaideço — a falta, a grande falta commettida, auzentando-me da terra, auzentando-me de v. ex.^{aa}, leitoras e patricias muito do meu respeito e alta veneração; mas — acabou-se! — foi Nosso Senhor Jesus servido dar-me azas para voar, e eu voei até muito perto, até Azemeis, á villa das mulheres formosas e sympathicas e...

Dizer o resto seria motivo para uma critica causticante de v. ex.^{aa}, minhas patricias, de v. ex.^{aa} que só gostam de elogios ao pão da casa, e não ao da casa alheia antes que elle seja muito fresco e muito saboroso.

E desculpem-me a metaphora: é o meu forte, creiam!

Um domingo agradável, o ultimo, bem passado, tanto pela escolha do passeio como pela companhia.

Eu conto amigos em Azemeis, sabiam? Não?

Quem não viu ainda esta villa, quem não gosou ainda uma passeata até ao monte do Calvario, não sabe o que é extasiar-se na contemplação d'um panorama verdadeiramente lindo como aquelle que se descobre, e magnetizar-se pela briza que em snas doces azas nos traz o ar oxygenado dos pinheiros visinhos, não pode avaliar o que ha alli de bom, de encantador, de poetico.

E se eu fóra poeta, mesmo poeta de *agua doce*, que faria?

Duas quadras, duas quadras apenas — uma offerecida ás damas oliveirenses, e outra... a ti — ó minha feiticeira?

Mas vamos ao caso. Eu não disse ainda ao que vim.

O que v. ex.^{aa} tem lido e vão lendo é ainda o — *exordio*.

Ah! esquecia-me ter dito, passei bem muito obrigado o domingo (manhã e tarde), e a noite? Preparem-se v. ex.^{aa} agora e... *attention!*

Fui ao club, mais claro, fui dançar. Riem-se? Espantam-se? Não é caso para riso e espantos, tanto mais que já fixei as principaes regras de dança.

Por isso, posso dizer affoutamente — dancei bem e a valer. E v. ex.^{as} a rir!...

Que mania, que forte mania. Nós, os plebeus, filhos d'essa terra, não frequentamos salas.

Aonde e porquê? Dizer aonde, desnecessario é; e os «porquê» são conhecidos. Mas viva eu, plebeu humilde, que frequento os mais considerados salões da villa visinha.

Porque será? Nosso Senhor Jesus que responda por mim. Para maior espanto de v. ex.^{as}, saibam mais que dancei até o *pas de quatre*, o mais moderno que actualmente existe nas salas.

Quanto a quadrilhas não se falla; agora walsas e mazurkas não tomei nada.

Perturbações de cabeça causadas pela profusão de luzes, especialmente pela luz dos teus olhos — ó minha feiticeira! — que o astro da noite me trazia de tão queridas paragens.

Quatro horas da madrugada e eu ainda dançando e dançando com gosto e entusiasmo o *pas de quatre*.

Linda coisa o tal *pas de quatre*. E nos intervallos tomava o meu calix de «broggs» (bebida chinesa) e cantava entre bastidores, baixo, com todo o mimo e vigor de compasso — *L'amour et Printemps*.

Muitas palmas no fim, e eu, todo ancho, todo confundido — muito obrigado a v. ex.^{as}, não obstante conhecer o favor que essas palmas traduzem e não a justiça.

Não sou cantor e tanto me basta para captar a benevolencia de v. ex.^{as}.

No dia immediato, segunda-feira das almas, dia quente como os demonios, mas lindo, sim senhor, muito lindo. Almocei. Aonde?

Não dou conta dos meus actos particulares a v. ex.^{as}, e nem mesmo a ti — ó minha feiticeira! Jantei e ceiei e passei e gosei e conversei sobre muitas coisas e mais — sobre o tal *Pas de quatre*. Gostei d'aquillo, estou no meu direito. São gostos, e quem não gostar que não compre, e quem comprar que não uze. Nosso Senhor Jesus não dá inferno aquelles e aquellas de v. ex.^{as} que não dançarem o hi — *Pas de quatre*.

A manhã d'hoje — que tristeza, que saudades! Já ouço a corneta te rá... te rá... tá... tá... tá. Vamos até á carripana, vamos até Ovar.

Adens Oliveira d'Azemeis até quando Nosso Senhor Jesus for servido dar-me azas para voar ao teu seio.

Ai Jesus que eu morro
Mas é por dançar
Quadrilhas bonitas
E o — *Pas de quatre*.

Não rima mas é verdade.

Ai Jesus que eu morro
Por já me auzentar
De ti, Oliveira,
E ter d'ir pr'Ovar.

Azemeis — 48 — 7 — 93.

Jayme.

ANNUNCIOS

LOJA DE FAZENDAS

Manoel Soares Fernandes participa ao publico que abriu o seu estabelecimento de fazendas, onde encontrarão casemiras, cheviots, castorinas, lenços de seda, de malha, de algodão, e de lã, chitas, riscados, collarinhos, punhos, mantas, chales e outros muitos artigos difficeis de mencionar.

Preços limitadissimos
LARGO DE SANTO ANTONIO
OVAR

NOVIDADE

Chegou a cerveja BOHEMIA e PRIMAVERA.

Quem tem calor vá ao Cerveira, na PRAÇA.

CASA EDITORA

DE
GUILLARD, AILLAUD & C.^a
Rua Aurea, 242-1.^o

Manual do Carpinteiro e Marceneiro

Este Manual que não só trata de moveis e edificios, é um tratado completo das artes de carpinteria e marcenaria, adorrado com 211 estampas intercaladas no texto, que representam figuras geometricas, molduras, ferramentas, samblagens, portas, sobrados, tectos, moveis de sala, etc., etc. Tudo conforme os ultimos aperfeiçoamentos que tem feito estas artes.

Esta casa editora animada com o grande exito obtido com a primeira edição que está esgotada, resolveu fazer 2.^a edição ao alcance de todas as bolsas com especialidade das classes operarias e n'esse intuito sahirá a fasciculos.

Este Manual de Carpinteria e Marceneria contem aproximadamente 580 paginas e serão distribuidas nas seguintes condições:

Assigna-se em Ovar—Casa de Silva Cerveira.

A COMMERCIAL

Companhia de seguros contra fogo

Antonio de Souza Campos, com loja de fazendas nas Pontes, d'esta villa, toma seguros contra fogos aqui e no Furadouro.

Preços rasoaveis.

Recebeu grande sortimento de fazendas proprias da estação.

Os preços são baratissimos.

Vejam e verão.

AGRADECIMENTO

Os abaixo assignados em extremo reconhecidos a todas as pessoas que os cumprimentaram e prestaram subidas finezas pela occasião do fallecimento, deposito e responso de sua extremosa e innocente filha, irmã e sobrinha, Afrinha Lamy, vem por este meio protestar a todos o seu inolvidavel reconhecimento e sincera gratidão.

Anna Augusta Ferreira da Silva.
Delfim José de Sousa Lamy.
José Delfim de Sousa Lamy.
Antonio Carmino de Sousa Lamy.

EDITORES—BELEM & C.^a—LISBOA

A VIUVA MILLIONARIA

ULTIMA PRODUCCÃO DE

EMILE RICHEBOURG

Auctor dos romances: *A Mulher Fatal*, *A Martyr*, *O Marido*, *a Avó*, *A Filha Maldita* e *a Esposa*, que tem sido lidos com geral agrado dos nossos assignantes

Edição illustrada com bellos chromos e gravuras

A fama do admiravel trabalho, que vamos ter a honra de apresentar á elevada apreciação dos nossos assignantes, e cuja publicação está terminando em Pariz, centro principal de todo o movimento literario contemporaneo, tem sido alli consagrada por um exito verdadeiramente extraordinario, que mais e mais tem engrandecido e exaltado a reputação do seu auctor, já tantas vezes laureado. E com effeito nunca EMILE RICHEBOURG provou tão manifesta e exuberantemente os grandissimos recursos da sua fecunda imaginação.

Este romance, cuja acção se desenvolve no meio de scenas absolutamente verosimeis, mas ao mesmo tempo profundamente commoventes e impressionantes, excede, debaixo de todos os pontos de vista, tudo o que o festejado romancista tem escripto até hoje, e está evidentemente destinado a tomar logar proeminente entre os trabalhos litterarios, mais justamente apreciados a actualidade.

A empr.za. que procura sempre com o maior escrupulo corre-ponder dignamente ao favor dos seus assignantes espera continuar a merecer o seu valioso auxilio, que mais uma vez se atreve a solicitar.

Brinde a todos os assignantes

Uma estampa em chromo de grande formato, representando a

Vista da Praça de D. Pedro

EM LISBOA

Tirada expressamente em photographia para este fim, e reproduzida depois em chromo a 14 cores. copia fiel da magestosa praça em todo o seu conjunto. Tem as dimensões de 72 por 60 centimetros. e é incontestavelmente a mais perfeita que até hoje tem apparecido.

Brinde aos angariadores em 2, 4, 10, 15 e 30 assignaturas.

Condições d'assignatura:—Chromo, 10 réis; gravura, 10 réis; folha de 8 paginaas 10 réis. Sahirá em cadernetas semanaes de 4 folhas e uma estampa ao preço de 50 réis pagos no acto da entrega. O porte para as provincias é a custa da Empreza, a qual não fará segunda expedição sem ter recebido o importe da antec. lente.

A empreza considera correspondentes as pessoas das provincias e ilhas que se responsabilisarem por mais de tres assignaturas.

A comissão é de 20 p. c., e sen lo 10 assignaturas ou mais terão direito a um exemplar da obra e ao brinde geral.

Em Lisboa recebem-se assignaturas no escriptorio dos editores—rua do Marechal Saldanha, 26—LISBOA, onde se requisitam prospectos.

Acceta-se correspondente n'esta localidade.

Imprensa Civilisação

DE
MANOEL F. LEMOS

OFFICINA DE CONFIANÇA, FUNDADA EM 1878

73, Largo da Pocinha, 77

(R. de Santo Ildefonso)

R. de Passos Manoel, 192

PORTO

N'esta officina imprime-se com promptidão, nitidez e por preços relativamente modicos, todo e qualquer trabalho typographico.

Facturas, memoranduns, mappas, bilhetes de loja, enveloppes, jornaes de pequeno e grande formato, obras de livro, todos os trabalhos para Associações de Soccorros, etc., etc., para o que ha abundancia de typos communs e de phantasia, bem como variadas e lindas combinações recebidas das principaes casas estrangeiras.

BILHETES DE VISITA a 160 e 200 réis o cento

BILHETES DE RIFA a preços baratos

BILHETES DE LUTO para agradecimento

Enviem-se pelo correio a quem fizer o pedido acompanhado da respectiva importância.

TEM A VENDA:

RELAÇÕES que os proprietarios dos hotéis são obrigados a enviar com o nome dos hospedes ao commissariado de policia.

LIVROS para registo de hospedes.

RELAÇÕES de novo modelo para receber o juro das inscrições, bem como das obrigações de 4 e meio p. c., etc., etc

TABELLAS do movimento da população, que os srs. regedores e parochos das freguezias são obrigados a enviar semanalmente para as administrações.

RECIBOS para todas as Juntas de parochia (modelo official).

ARRENDAMENTOS para caseiros e senhorios.

GUIAS para acompanhar a correspondencia official ao correio.

NOTAS de expedição para encommendas feitas pela Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes.

Fabricam-se CARIMBOS DE BORRACHA tanto para particulares como para repartições publicas, por preços rasoaveis.

Na redacção d'este jornal toma-se conta de encommendas tanto de cartões de visita e rifa, como de outros impressos.

NOVIDADE

Cerveja DANUBIA e BOCK-BIRR.

Grande sortido de mantas, regatas, plastrons e lavaliers.

Vinhos finos da Companhia e de outros armazens, desde 100 a 1\$500 réis.

SILVA CERVEIRA

LOJA DO POVO

PRAÇA, 63—OVAR

Imp. Civilisação—Rua de Santo Ildefonso, 73-77 (Pocinha)